



A colheita da batata na Casa do Gaiato de Miranda do Corvo

PEDITÓRIOS

Este ano a rota foi alargada.

Sendo, como é, que não vamos essencialmente pedir — embora o termo em epígrafe seja a tradicional designação de nosso ir — não sei como nunca me havia lembrado de juntar às habituais Igrejas do centro do Porto outras comunidades paroquiais ou capelas de Religiosos com vida muito própria. Fomos e resultou uma experiência bastante consoladora: uma comunhão nossa na vida da Fé dessas Comunidades, em que aprendemos e granjeamos motivos de regozijo; e a comunhão que lhes proporcionamos na vida desta grande Família cujo alicerce firme é a Fé do seu Fundador e a dos que lhe herdaram a responsabilidade, sem a qual permaneceria inexplicável a continuidade, sem a qual a continuidade seria mesmo impossível!

Os frutos importantes desta jornada não são mensuráveis porque de natureza espiritual. Deus os sabe, Deus os contará. Mas o acolhimento fraterno dos Responsáveis dessas comunidades ao consentirem a nossa ida e o delas ao receberem-nos, deixaram-nos o gesto saboroso de que valeu a pena andar por lá 13 fins de semana, muito para além do valor material arrecadado que rondou os 180 contos.

Muitas foram as delicadezas do amor fraterno de que fomos objecto. Por exemplo: numa das igrejas aonde nunca fomos, um sacerdote professor, tendo falado aos seus alunos no encontro que no domingo seguinte iria ter com a Obra, através de um dos seus padres e de alguns gaiatos, tornou-se portador da mensagem de uma Ana Maria: um envelope com o fruto de renúncias e o conteúdo muito mais precioso desta legenda acompanhando um lindo postal: «Nem só de pão vive o homem», diz o Senhor.

É através deste gesto, que quero exprimir a minha amizade por vós. Apesar de nos não conhecermos, também não somos anónimos.

Porque não construímos pontes sobre os rios?»

Nem sabemos que mais apreciar: se o zelo amigo deste nosso irmão ao fazer da Obra assunto para os seus alunos, se a resposta desta Rapariga que não calou a sua impressão, antes faz dela o motor de um gesto tão fraternal porque temperado com o seu sacrifício!

Em muitos lados, tantos mimos aos Rapazes que iam conosco: «Quem meus filhos beija...»!

E uma despedida quase constante: o ano que vem cá os esperamos. Venham sempre!

A extensão da rota não nos permitirá voltar todos os anos.

Cont. na 3.ª pág.

TRIBUNA DE COIMBRA

FESTAS — A Vila da Lousã fechou com chave d'ouro a longa romaria das nossas Festas. A todos a nossa gratidão.

Chegámos ao fim com vontade de continuar e animados a recomençar. Cada ano vamos sentindo o aumento do acolhimento que nos fazem. Em todas as salas não vimos um cantinho por preencher. Em algumas muitos amigos tiveram de ficar de pé e muito comprimidos.

A nossa chegada para prepararmos o palco, em várias terras, as pessoas mais responsabilizadas teimavam para que fizéssemos segunda Festa. Estou a recordar a intimação daquele grande Amigo duma das nossas cidades: — «O senhor logo, ao princípio do espectáculo, há-de estar comigo à portaria para ouvir «seu facista, só vende os bilhetes aos compadres!». Uma das provas de mais alegria é que nos obrigam a voltar.

Houve uma nota comum a dominar todas as multidões: a presença de grande número de jovens. Em algumas terras foram os jovens os grandes ani-

madores. Bom sinal. Os jovens a inquietarem-se e a comprometerem-se por aquilo que lhes parece que não é banal. Os jovens a afirmarem-se de que estão cansados de festas e programas banais, enganadores, destrutivos. Querem coisas sérias que os ajudem a construir a vida.

O nosso Lita, este ano, apresentou para aperitivo o poema «Um menino que quer nascer». Poema que lhe brotou da alma, alusivo ao grande drama do aborto. A criança gerada no seio materno que começou a ter vida e que tem direito a viver, vida que ninguém tem direito a matar. Vida que deve ser sempre fruto do amor. Vida feliz ou triste, mas que é vida.

Vimos em todas as assembleias muitos, muitos olhos rasos de lágrimas. Lágrimas de ternura. Talvez algumas de contrição. Lágrimas caldeadas com os longos aplausos que deram ao poema e a todos os números do programa.

Têm a razão os pais — e foram tantos! — os que se fazem acompanhar dos filhos. E as crianças não dormem! Têm

razão os pais que andam à procura de quem os ajude a educar! E as nossas Festas ajudam.

Regressámos sempre carregadinhos de mimos. As ceias e convívio com que em todas as terras terminaram as nossas Festas são prova de que procuramos todos ser uma grande família. É o que mais nos preocupa e é o que mais desejamos — que todos os homens sejam irmãos.

Padre Horácio

AQUI LISBOA!

Comemorou-se mais um «Dia Mundial do Ambiente». Compreendemos a necessidade de educar as pessoas para o respeito pela Natureza, defendendo o seu equilíbrio e obstando ao seu poluir ou à sua destruição. Tudo isto, porém, deve ter em conta a felicidade do Homem, Rei da Criação, pelo bom uso das coisas e dos seres, numa perspectiva de criar condições de vida sempre mais capazes, em justiça igual para todos, e em ordem à sua realização plena. O resto é demagogia ou conversa fiada, muitas das vezes, a raiar pelo ridículo, quando não inversão de valores ou o desviar de atenção sobre questões fundamentais.

Em Lisboa resolveram as autoridades cor-

tar o trânsito nas artérias centrais durante algumas horas, com manifesto prejuízo dos seus utentes. Em plena Avenida da Liberdade, à chuva e pelas 11 horas da noite, havia crianças fazendo ginástica (?), enquanto, aqui e ali, outras, sentadas no sujo chão dos passeios, manifestavam nas suas reacções que já deviam estar deitadas e a dormir, para no dia seguinte, bem dispostas, poderem encarar as suas obrigações escolares. Entretanto, na Feira do Livro, a funcionar na placa oriental, era de pasmar a mixórdice de pseudo-literatura ou de literatura a metro oferecida ao público, visando a poluição das

Cont. na 4.ª pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

DOCE ANGÚSTIA — Lembram-se do incêndio que consumiu a moradia da sr.a Micas e do movimento de generosidade que levantou todo um povo?

As paredes da nova casa — que é fruto, ainda, de Auto-construção — já esperam armação e telha.

— Se vejo a casa com telha!... — exclama a pobre mulher.

— Quando chega?

— Se demoram mais a entrega compra-se noutra lado...

Ela já não anda tão debulhada. Tem outra face. Agora, sofre a doce angústia de procurar ver a obra no fim. E até parece que redobrou forças, que tem menos sofrimento, que rejuvenesceu. Exactamente como os passarinhos à volta do ninho!

A Natureza é escola. Que o diga Francisco de Assis. Que o diga Pai Américo!

PARTILHA — «Uma assinante de Gaia» manda 100\$00 «por alma de minha querida Mãe». De Paço de Arcos, 1.300\$00, partilha habitual da «assinante do Seixal». Agora são 1.000\$00 de «Uma figueirense», também «em memória de meus Pais». Estas legendas, tão significativas, demonstram quanto amor devemos voltar aos nossos Pais. Outros 1.000\$00, do Porto, num discreto sobrescrito. É presença anónima, por isso, mais valiosa aos olhos de Deus. Assinante 10742, de Lisboa, traz na mão 100\$00. Ainda de Lisboa, mais 100\$00 de Amélia. Roupas de Rio Tinto. Mande sempre! Outros 100\$00 da assinante 19177, do Porto. No Espelho da Moda: 100\$00 por alma de Albertina e 500\$00 do assinante 13519. Mais 100\$00 de um Amigo e o habitual vale do correio da rua Pascoal de Melo — Lisboa.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Malanje

Alguns dos nossos irmãos já saíram de Casa para continuarem a estudar. Mas sempre ligado, à Obra.

O Sansão foi para Luanda, continuar os estudos. O Camacho II para Huambo. E o Camacho I e o Comba foram para o curso de Agricultura. O Tchiquim e o Xavier, para a tropa.

Com a saída destes irmãos foi necessário preencher os lugares de chefia. O sr. Padre Telmo e os outros chefes viram e sentiram em mim uma certa confiança de poder dar uma ajuda na educação dos nossos pequenos. Quando disseram que me tinham escolhido, senti dentro de mim uma grande alegria de poder ajudar, nas horas difíceis, os meus irmãos; pois senti, também, que houve alguém que me procurou educar: os chefes. Eu vou pagar na mesma moeda.

Continuamos a trabalhar com bas-

tante alegria na companhia do nosso Pai — o sr. Padre Telmo. Temos encontrado problemas difíceis, mas nós e os chefes procuramos resolvê-los.

Quanto aos trabalhos agrícolas, não tivemos grandes colheitas, por falta de chuvas. Mas preparamo-nos para, este ano, termos uma boa colheita, se Deus quiser.

«Primo Velho»

Paço de Sousa

INSTRUMENTOS MUSICAIS — Recebemos 1.000\$00 de Leça do Balio; do assinante n.º 25406, 500\$00. O assinante n.º 28589: «Li num dos últimos «Gaiatos» o apelo feito a todos os leitores para colaborar com uma pequena importância para aquisição dos instrumentos musicais de que necessitam. Aqui estou, pois, a enviar 50\$00 para esse fim».

Um amigo do Porto com 50\$00; da Amadora, o assinante n.º 23697 com 100\$00; de Lisboa, 100\$00; mais, 100\$00 da assinante n.º 21185 e estas palavras: «Acabo de receber a carta de irmão «Marcelino» dizendo que não receberam os 50\$00 que enviei para instrumentos musicais, mas creiam que os mandei; até iam envolvidos em papel químico... Que história! Que falta de humanidade estamos a ter na nossa querida terra...»

Temos imensa pena que isso aconteça, mas o certo é que para alguns há uma maneira de acabarem com as cartas, a mandar ofertas. Os amigos do Porto que queiram mandar donativos para os instrumentos musicais podem entregá-los no «Espelho da Moda», rua dos Clérigos 54. Os amigos de Lisboa, Coimbra e Setúbal, podem deixar os donativos nas referidas Casas.

Assim, tentaremos evitar novos problemas e ajudar os leitores e amigos que, desejando mandar um donativo, gastam quase o dobro no registo das cartas.

Um obrigado muito sincero a todos!

MAIA — Fomos à Maia representar alguns números da nossa Festa do ano passado. Correu tudo bem e sem



Eis os «artistas».



Velhos e novos, da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, confraternizaram desportivamente.

grandes falhas da nossa parte. No fim, houve «comes e bebes» e viemos todos satisfeitos com a amabilidade com que fomos recebidos.

FESTIVAL DESPORTIVO / 78 — Realizou-se no período compreendido entre 1 a 11 de Junho. Principiou com o içar da bandeira respectiva que ficou colocada na varanda do escritório, na casa-mãe, durante o período festivo. As provas só foram disputadas por malta da Casa, porque o Festival das Vindimas a realizar em Setembro é que incluirá outros atletas.

Tudo correu bem e, felizmente, o repórter fotográfico conseguiu bater algumas chapas na hora H.

Para já as classificações:

ATLETISMO — Prova dos «Bata-tas» — 800m: 1.º Victor; 2.º Armelino; 3.º Paulinho; 4.º «Marco»; e 5.º «Zig-zag».

1.200m — 1.º Zé Manuel; 2.º Rocha; 3.º Joaquim; 4.º «Lourenço»; e 5.º Rui.

2.500m — 1.º Ulisses; 2.º «Mestre»; 3.º Mendão; 4.º Cipriano e 5.º Paulo Mendes.

3.000m — 1.º Fernando Manuel; 2.º António Fernando Almeida; 3.º Joaquim Pinheiro Fernandes; 4.º Henrique dos Santos Barros; e 5.º Xabregas.

7.500m — 1.º Escalreira; 2.º João Manuel; 3.º Álvaro Candeias; 4.º Manuel Cunha; e 5.º Rafael.

SALTO EM ALTURA — Escalão A — 1.º Paulo Mendes; 2.º Manuel Abílio; 3.º Xabregas.

Escalão B — 1.º Jorge Alvor; 2.º José Miguel; e 3.º François.

NATAÇÃO — 50m livres, escalão A — 1.º Mendão; 2.º António José; 3.º Manuel Miranda.

75 m livres, escalão B — 1.º Xabregas; 2.º José Carlos Vieira; 3.º «Spínola».

100 m livres escalão C — 1.º Humberto; 2.º Álvaro Candeias; 3.º Jorge Alvor.

TÊNIS DE MESA — 1.º Joaquim de Oliveira; 2.º Gomes; 3.º «Russo»; e 4.º Álvaro Candeias.

DAMAS — 1.º Maciel; 2.º Jorge Alvor; 3.º «Russo»; e 4.º Paulo Mendes.

Os prémios foram distribuídos no Domingo, 11 de Junho, pelas meninas do Colégio Moderno de S. José, de Vila Real, que vieram passar o dia connosco, integrando-se no Festival.

Falta referir um pormenor: como estamos a tentar ver se mandamos abrir gravura do grupo vencedor do Festival da Canção, aguardemos mais um pouco, até ver.

Um obrigado a todos os que se interessaram por este Festival e que o das Vindimas seja mais alegre e mais cheio de atletas de todos os lados.

«Marcelino»

Miranda do Corvo

Um dia de festa depois das «Festas»...

— Heil!... Oh pá, anda p'ra água.

— Tá boa?...

Corpos nus luzindo ao sol que abraça em manhã primaveril.

Nadam, fazem que nadam, mergulham, chapinham...

— Ena pá que grande pirolito!... São duzentos metros de água preguiçosa que ganha vida, ao fundo, no açude e, como que rabujandó, vai salpicando, em tons de arco-íris, tufo viçoso de erva ribeirinha.

No meio, é a nossa malta que, nas brincadeiras turbulentas, já acordou as águas lisas que correm entre margens de freixos e arbustos verdejantes e calmos. Não mais naquele dia

a toalha de água se desengelhou. Não mais a mimosa erva das margens ergueu suas pontas. É que alguns havia que, não podendo (pois, porque só não podendo) nadar, brincar ou chapinhar na água, entretinham-se em brincadeiras e correrias na relva.

Ouve-se além o tanger suave duma viola.

— Ó Toninho, toca mais alto! Mas o dedilhar cadencioso vai servindo de fundo à preguiça da «ve-lharia».

— Esta é minha!...

E uma a uma, o leque vai perdendo as cartas em cartadas conscienciosas, para retornar ao princípio com a alegria de uns e a esperança de outros.

Mas, as cartas, não duram muito. Não é que a sombra fresca das árvores e o fofó atapetado da relva não convidem ao sossego de uma jogada, mas é o cheiro do leitão assado que começa a fazer cócegas nas narinas mais sensíveis, e... quando vai um nunca vai só. E depois...

— Eh pá, isto é qu'a pinga é boa!...

— Mas a mudança é que não pára. — Ó pá! Olha lá p'ra onde é que chutas a bola. Olha qu'ali estão as senhoras!...

Mãos entretidas nas reviravoltas das agulhas vão desenovelando o fio que vai tomando forma sem, no entanto, prender a língua de quem não precisa dela para fazer malha ou renda. Serve para falar e neste tempo não é mal aproveitada nem fica presa.

— Ah minhas senhoras, hoje é qu'ê tomar banho. Depois brincar. E saltar, correr, tocar, nadar, chapinhar... Foi assim desde manhã.

Saímos de Casa no tractor... «Aquilo é que foi uma cobiada!»... E nas carrinhas. No dia anterior tinha sido a Festa na Louã e acabara assim a nossa «tourné».

Chegámos e, pouco depois, chegaram algum amigos que, este ano, puseram ao nosso dispor os seus automóveis nas nossas deslocações por terras das Beiras. Este ano foram

Cont. na 3.ª pág.

RETALHOS DE VIDA

O Leão Adolfo



Vou escrever estas palavras para todos ficarem a saber a minha vida.

Sou um rapaz de pouca idade. Nasci em Lola em 21-7-65. Vim para a Casa do Gaiato com 11 anos; por isso estou na Casa de Benguela há 2 anos.

O meu nome é Leão Adolfo dos Santos.

Vim para aqui porque não tinha pai e a minha mãe não tinha dinheiro suficiente para me dar de comer e vestir, a mim e ao meu irmão.

Trouxe-nos para a Casa do Gaiato e aqui estamos.

Eu sou roupeiro, isto é, trato da roupa dos meus colegas. Este é o meu trabalho. Estou sempre disposto a cumprir qualquer ordem. Tenho já a 4.ª classe feita.

É só isto que eu queria dizer.

Fico muito grato a todos os leitores que lerem esta notícia.

Leão Adolfo dos Santos

Do que nós necessitamos

Excursões escolares são, neste período, todos os dias. Há delas cujos professores dão lição aos seus alunos, da Obra que somos. Outras, porém, passam a correr! Ao partir, deixam nas mãos dos nossos cicrones, pequenas e saborosas «migaíinhas». Eis algumas que anotámos: De Pinheiro da Bemposta, 470\$. Escola n.º 5 de S. João da Madeira, 500\$. Mariz-Gaia, 300\$. Escola n.º 1 de Corredoura, 83\$50. Duma de Guimarães, 500\$. Escola Mista de Chacim, 160\$. Duma escola da cidade de Braga, 1.000\$. De Terronhas, 337\$50. De Silva Escuro, 500\$. E da escola n.º 4, de Vila do Conde, 655\$. E venham sempre.

Duma Mãe de três filhos, que pede orações, 1.000\$. Telefones Lisboa e Porto com 190\$, em sufrágio de Maria Etelvina Torres. Do Monte Estoril, «velha» assinante 100\$. Covilhã com 1.300\$. Da Rua Dr. Joaquim Pires de Lima, 500\$. Para vários fins, 700\$ de Romariz. Três contos no Lar. Mil escudos de M. C. A. Assinante com 100\$. Duma Mãe de Matosinhos, 500\$ por alma de seu filho Rogério. De Coimbra, «um totobolista com sorte», 400\$. Camisolas de Arrancada, do Vouga. Ass. 12844, de Faro, com roupa e calçado. Por alma de Hermenegildo Duarte, 100\$. De dois benefiteiros de Castellos. 3 contos. De Anadia, 1.000\$ em acção de graças pelas melhoras de meu Pai. Respondendo ao «Partilhar» do nosso P. e Abel, cheque de 10 contos, do Porto, «de quem confia na bondade de Deus em me dar para repartir».

Nota de 20\$, e este bilhete: «Para os «Batatinhas», com muitos beijinhos da Sandrinha, que ainda só tem 3 anos». São dedicatórias tão carinhosas que não sabemos como acusá-las. Com amizade vai um beijinho. Por alma de Custódio António, 150\$. Em sufrágio de Ana da Conceição 50\$ mais 50\$. De Ermesinde presença mensal de 700\$. Mais 1.000\$ de Braga. Setenta e cinco escudos de Ester Gomes. Cinquenta escudos do Porto. Vale de 2.000\$, de Almada, proveniente duma indemnização atribuída pelo tribunal. Júlia com 5 contos. Por alma de Carmen Pereira, 50\$. Através do nosso bom amigo Miguel de Oliveira, roupas novas vindas de Monção.

Surge agora um donativo, digno de realce nos tempos austeros que vão correndo: «Os empregados da Farmácia do Castelo enviam cheque de 500\$, produto da venda de papel e cartão de embalagem que até há bem pouco tempo se não aproveitavam». Bem hajam e oxalá a lição nos aproveite a todos. E 1.000\$ por alma de Helena de Albuquerque. Amigo do Fundão, ora em Lisboa, com a mensalidade habitual de 250\$. Duas embalagens com vestuário diverso de gente amiga da MACONDE. Cento e cinquenta

escudos da Calçada da Estrela. Cem escudos de anónimo. Pensão de reforma de 2.500\$, vinda de Guimarães, em sufrágio de António Macedo. Duma promessa 500\$ e os 70\$ mensais de C. Flores. Mais promessas. De Alcanena, 1.000\$. De Torres Novas, 2.500\$. Coimbra, «a promessa que a minha gratidão não esquece», com 100\$. De Gondomar, da excursão organizada pelos Padres Capuchinhos e seus Catequistas, 3.901\$20 e muita roupa. Das várias classes de catequese, vinha seu envelope e suas renúncias. Ei-las: Pré-catequese, 60\$. Da 1.ª Juvenil, 240\$. Do 1.º volume, 420\$. Do segundo, 65\$. O terceiro com 150\$. E do quarto, 220\$.

Da MONDEX, a visita do seu pessoal, feita com muita amizade e uma caixa com 24 dúzias de cuecas. 100\$ por alma de Miguel Angelo, co-piloto do avião da TAP sinistrado no Funchal, em Novembro passado. Cem escudos, em selos, da Amadora. Cinco contos quatrocentos e cinco escudos, produto de ofertas várias, conseguidas pela Conferência de S.ta Eulália, de Tenões. Ass. 28828, com 500\$. Em acção de graças ao Padre Cruz, 50\$ de Gaia. Novecentos e quarenta e cinco de Mem Martins. Do cofre dos CTT da Batalha, 48\$40. Donativos vários entregues no Lar do Porto. Por alma de Eduardo José Fonseca, 520\$. De Lisboa, 100\$ e «por favor um Padre-Nosso para que volte a paz à minha casa». Deus o permita. De Gaia, Isabel e Valdemar com 400\$, «já lá vai longe a Páscoa, mas como era nossa intenção, embora atrasada, avião as nossas amêndoas, sinal da nossa amizade».

Num cofre-mealheiro, feito de uma bomba de sheltox, 677\$50 e este bilhete: «Aqui vai a minha participação diária para a Obra. Conto sempre com a intercessão de Pai Américo, para que Deus me ajude a levar a vida sem atropelos». E 200\$ do Porto. A presença mensal da Figueira da Foz, com 250\$. Com destino a várias casas, cheque de 6 contos de Lisboa. Cinquenta escudos de Avintes. Duzentos do Porto. Do Colégio S. José, de Vila Real, 2.000\$. C. Meireles, com 1.000\$. Da Rua Monte dos Judeus, 1.300\$. E mais um cheque, este de 15 contos, da R. Marechal Saldanha, do Porto. 100\$ mais 100\$ de Oliveira de Azeméis. Por alma de Joaquim Gonçalves Lopes, 850\$. Muitos e variados donativos entregues no Espelho da Moda. Ainda 500\$ da Escola de Priscos; e 2.120\$ de escolas da Murtoza. E do Jardim-Escola FLORI, 1.130\$.

Novamente várias presenças do Colégio S. José, de Vila Real, com 1.000\$00, 200\$00 e 15.000\$. De professores e alunos da escola n.º 119, de Pereiró, 1.100\$, roupas e brinquedos. Escolas de S. Mamede

de Infesta com 150\$. De Martim-Barcelos, 500\$. Mais 250\$, de Pedome-Famalicão. De escolas n.º 34 do Bairro Costa Cabral, 542\$50. Da Aguçadoura, 1.000\$. Da Póvoa de Varzim, Colégio do Sagrado Coração de Jesus, 300\$ da 3.ª classe e 640\$ da 4.ª e 150\$ de C. Isabel.

Da tia dum dos nossos, já casada, residente em Cête, 500\$. Helena de Lisboa, com cheque de 5 contos. Ass. 16264 com 600\$, a dividir por esta Casa e Calvário. De Caldas de Aregos, 2.927\$ em sufrágio de «meu marido». Os 700\$ mensais de Ermesinde. Da «Mãe que crê em Deus», 800\$. Da Av. Sidónio Pais, 100\$ de pessoa conhecida. Anónima de Espinho com 200\$, agradecendo graças recebidas. De C. Flores, os 70\$ habituais. Por alma de Ana da Conceição, 50\$. Roupas do ass. 28248. Ass. do Monte Estoril com 100\$. Os 250\$ da Figueira da Foz, presença mensal. Da Calçada da Estrela, 150\$. Do Porto e em cumprimento de uma promessa a N.ª S.ª de Fátima, cheque de 20 contos.

De pessoa amiga de Cête, e em memória de João Baltazar, 100\$. Excursão da Paróquia de Delães com 2.100\$. No 1.º aniversário do falecimento de Natália Barbosa, 1.500\$. Cheque de 8.500\$, do Porto. «Uma portuense qualquer» com 500\$. De Valongo 1.000\$, comemorando uma data natalícia. Vale de 5.000\$, duma Maria de Castelo Branco. 1.000\$ da Avózinha de Santa Rita. Mais 20\$ duma modista das Caldas. 100\$ de Ilhavo. E duma casa comercial, em Cête, 430\$, total de pequenas quantias achadas na loja.

Cheque de 20 contos, do Porto, «fruto de sacrifício e renúncias». Aqui vai parte da carta:

«Porque todos os domingos afirmo que creio na Comunicação dos Santos, quero pedir-lhes que nas vossas Eucaristias e orações comunitárias, peçam ao Senhor que vive e aumenta em mim a Fé, a Esperança e a Caridade e incluam nas mesmas as almas dos meus familiares e amigos que já partiram para o Pai e ainda por todas as que mais precisam da Sua misericórdia. Nas vossas preces eu ponho uma grande esperança para obter o perdão dos meus pecados e ingratidões e com ele a Luz do Pai que me encaminhe para o renascimento da verdadeira Vida.

Um pecador ingrato e arrependido.»

Também nós somos pecadores, mas a Misericórdia do Senhor está sempre pronta a acolher quantos, cedo ou tarde, a procuram. Disso temos a certeza.

E uma palavrinha para aquele Amigo que, agora longe da

«Loulé» anda na roda dos 16 anos e no 2.º ano da Telescola. Outro dia partiu uma perna quando jogava a bola. Esteve internado no Outão e depois veio para Casa.

PEDITORIOS

Cont. da 1.ª pág.

Mas a expressão de que não somos intrusos, compensa-nos largamente.

Bendito seja Deus!

Se as forças e outras urgências da nossa vida não fizerem estorvo, em Outubro prosseguimos pela cintura do Porto a reforçar estes laços que nos unem à porção de fora desta grande Família que Pai Américo teve o dom de gerar com tal carisma de comunhão. Assim Deus nos ajude e nos faça crescer em fidelidade!

Padre Carlos

PELAS CASAS DO GAIATO

Cont. da 2.ª pág.

vinte e nove os inscritos, «quase que podíamos ir um em cada carro». Bem hajam, amigos.

Tínhamos decidido, antes, passar um dia de convívio e alegria juntos. E passámos! Foi o dia 10 de Junho. Dia de Camões. Dia da Pátria. O nosso dia!

E que dia!

À tarde, quando do regresso, ainda havia alegria para dar e para vender. Ficou marcado.

No dia seguinte, na redacção escolar de «Como passaste o dia de Camões», houve hinos autênticos à alegria vivida e poemas (se não fossem os erros ortográficos...) dedicados a Camões por nos ter dado a possibilidade de em 1978 termos um 10 de Junho tão maravilhoso.

Lita

Pátria, por força das circunstâncias, não nos esquece nunca. Era o casal que, ao longo de tantos anos a fio, se apresentava na nossa Capela no primeiro dia de cada ano. Rezavam connosco, tomavam o cafézinho e lá iam, não sem deixar sinal da sua presença. Isto repetiu-se muitos e muitos anos.

Mas a sua bondade, lá longe, fá-los presentes no meio de nós, pois são eles, também desde há muito, que nos pagam os medicamentos gastos nesta Comunidade.

Para eles, a nossa saudade. Para todos, que o Senhor vos acrescente o que connosco repartis.

Manuel Pinto

Como o seu estado não permite fazer esforço, coube-lhe comandar o grupo dos mais pequenos na tarefa da limpeza das ruas. Eu passo e vejo-o de pausinho na mão. Inquiri do porquê daquele instrumento. «É para lhes meter medo» — disse-me.

Este «medo» queria dizer respeito:

Eu barafustei com o «Loulé» e perguntei-lhe se gostava de ser comandado assim. Que não.

Ora nós não somos pelo chicote nem pela violência. O respeito é mantido ensinando, entusiasmando, incutindo gosto, exemplificando.

Eu sei que o grupo dos «Batatas» é insuportável, mas tenho reparado que a coisa varia conforme o que comanda. É uma tropa muito irrequieta. É o a b c da escola do trabalho, e por isso a minha insistência. Que o «Loulé» e todos nós saibamos ver quanto custa comandar. Ele fala-se mal deste e daquele que tem o cargo da responsabilidade às costas, mas não nos pomos no lugar desses. É mais cómodo criticar as acções dos outros, e não colaborarmos para melhorar o que está mal.

Eu ouvi uma vez uma lição que me ficou: «Precisamos de como que motores para movimentar outros».

Deve ser assim em nossa Casa; deve ser assim na Sociedade. Cada um de nós tem o seu lugar para fazer mover toda a engrenagem e essa engrenagem tem que ser lubrificada no amor e na responsabilidade.

● Foi um dia de semana. Eu passava junto da frente da Casa e um carro chegou. As pessoas saíram e dirigiram-se-me. Perguntaram por portaria e por o senhor Padre. Queriam visitar a nossa Casa.

Sr. Padre Zé Maria não estava. Eu desandei e fui ter com o «Vila Real» que fosse mostrar a Casa àquelas visitas.

«Vila Real» foi todo radiante. Depois vi o grupo juntamente com o «Pepe» — nosso cozinheiro e chefe interino da nossa Casa. Passaram depois por mim e pude ver que os cicrones não desprimaram e as visitas não se escandalizaram por não encontrar o «senhor director».

Ora tudo isto vem a propósito de dizer que não temos portaria, nem director, nem burocracias, nem nada que cheire a colegial. Temos, sim, um responsável, gerador de outros. O rapaz é que é. Ele é que tem para contar e para ensinar. Assim tu saibas ver nele o que ele precisa e o que nele há para tu aprenderes. As árvores enfezadas necessitam de ser tratadas para que vejamos nelas o florir da Primavera e o fruto que todos queremos saborear.

Ernesto Pinto

Aí vai o depoimento de um bom Amigo do Porto, que, de longa data, se interessa pelo problema da habitação, motivado pela nota publicada com o mesmo título, na penúltima edição de O GAIATO:

«Acabo, mesmo agora, de ler o seu oportuno OVO DE COLOMBO e não resisto a formular uma resposta à sua derradeira interrogação: — Porquê? Ora, é bom de ver!, porque tudo aquilo não passa de promessas vãs que ninguém tenciona cumprir...

Repare, para começar, que o programa se destina a pessoas carecidas de recursos económicos, mas que terão de possuir, à partida, terreno e qualquer coisa como uma centena de contos, já que, se a casa custar 500 contos, o Estado só lhe facilitará 80%, isto é, portanto, 400 contos.

Mas mais curiosa é a definição de família com carência de recursos económicos: rendimentos por pessoa inferiores ao salário mínimo nacional. Poder-se-á dizer, sem grande receio de errar, que muito mais de 70 a 80% das famílias portuguesas não têm rendimentos por pessoa que cubram o salário mínimo nacional e, conseqüentemente, mesmo que todas as peias burocráticas fossem eliminadas por magia, onde iria o Estado obter dinheiro para financiar todos os pretendentes à Auto-construção? Mesmo onde o homem e a mulher têm rendimentos de trabalho, poucas serão as famílias que tenham um rendimento mensal superior a 20 contos. Se esse casal tiver 2 filhos estará automaticamente colocado em condições de beneficiar dos subsídios!

O problema da habitação em Portugal é grave e está a deteriorar-se dia a dia, mas não se resolve com medidas deste género. Só papéis e palavras não chegam. Estou de acordo consigo quando pensa que a Auto-construção pode ser um valioso instrumento para atenuar essas dificuldades. Mas julgo que o exemplo teria que partir de acções práticas dos municípios, urbanizando terreno, criando as estruturas básicas indispensáveis e só depois pensando na propagação junto dos potenciais interessados. Os méritos da Auto-construção são imensos, mas, infelizmente, têm andado a ser desperdiçados ou até adulterados, empurrando as pessoas para a construção clandestina com todos os riscos, perigos e prejuízos que daí resultam para os próprios construtores e para a comunidade em geral.

Tudo o que está ligado à habitação é extraordinariamente complexo porque, além de exigir avultados capitais, não dispensa estruturas técnicas e até sociais que não se improvisam de um momento para o outro. O que referiam, há semanas, em O GAIATO, sobre o Património dos Pobres — es-

sa admirável ideia do Padre Américo, em que também tive o prazer e o privilégio de colaborar, ainda que muito limitadamente — é bem um exemplo das múltiplas «nuances» do problema.

O anterior regime não conseguiu resolver o problema, embora tenha tido algumas iniciativas muito válidas que só terão pecado por insuficientes — os bairros de casas económicas de propriedade resolúvel, e as habitações de renda limitada, camarárias ou da Previdência, são iniciativas concretas que ainda não vi ultrapassadas. Os actuais governantes falam muito, prometem muito mais, mas pouco concretizam. E o problema agrava-se dia a dia porque a iniciativa privada foi desencorajada de construir para alugar, enquanto que a casa própria é cada vez mais um sonho mirífico, dado os elevados custos da construção (salários e materiais) e o insuportável peso dos juros para financiamento... As famigeradas facilidades para o crédito à habitação é outra das balelas sobre as quais ficaríamos aqui a falar durante horas!

Permitisse Deus que um dia me tivesse que desdizer porque, graças à acção governativa — destes ou outros quaisquer — cada família possuísse, finalmente, a sua própria casa, acolhedora e confortável!»

Passou a festa. Bom que ficasse o lastro do Santo a dar estabilidade à frágil embarcação da Humanidade!

João Baptista, que o Povo festeja mas em quem não pensa, é uma lição viva sempre actual e actuante para o homem que se disponha a reflectir nos problemas do Homem. «Maior entre os filhos de mulher, o maior de todos os Profetas,» é, como todos estes, uma figura voltada para o futuro, alguém que não viveu para si, mas para os vindouros. Percursor de Cristo, sua missão é preparar os caminhos do Senhor. É um guia e construtor da unidade. As veredas que encontrou tortas e procura endireitar, dirige-as para o Caminho que Cristo é. A Sua vida é para consumir, sim, mas não num sentido de aniquilamento: «Diminuir para que Ele cresça», como a semente que desaparece e morre, a fim de garantir a continuidade da vida. É uma morte aparente e relativa. Em cada espiga que colhemos, nos reencontramos com o grão lançado à terra, causa da vida multiplicada que apertamos jubilosos em nossas mãos.

A vocação de João Baptista aponta a cada homem a pista da sua realização pessoal. Desgraçado do homem que a procura fechado em si mesmo, na busca cega e avara de bene-

fícios para si, que acabariam por asfixiá-lo. Este é o que marcha para a extinção absoluta, para metas de desespero.

O Homem nasceu para viver e traz em si uma ânsia irrecusável de vida. E a vida é um dom dinâmico. Há que gastá-la, há que pôr toda a nossa inteligência e vontade em gastá-la bem, para que a morte não signifique destruição mas transformação: desapareço para que outros apareçam, outros maiores e melhores do que eu, num mundo mais são que o desgaste da minha vida ajudou a purificar.

Este é o verdadeiro progressismo, fundado não em estruturas e formas de organização que obrigam utópicamente o homem a ser melhor, mas no próprio aperfeiçoamento do homem, livremente assumido como máxima ambição de cada um.

Nada no Evangelho nos induz que João Baptista não fosse um

homem de Paz, um homem feliz. Seguido ou perseguido, Ele caminha destemido e imperturbável como só pode fazê-lo quem sabe de onde vem e para onde vai, qual o teor da vida que lhe compete viver e que vive em completa adesão, em harmonia perfeita entre o que conhece e o que quer.

Último da velha Humanidade e primeiro da Humanidade Nova recriada em Cristo na justiça e santidade verdadeiras, João Baptista não é de modo algum motivo de reflexão a desperdiçar nestes tempos difíceis de que nos não pode libertar qualquer austeridade, senão somente a santa austeridade do Evangelho que Ele pré-anunciou ao apresentar Jesus, «Aquele que havia de vir» e aí está no meio de nós.

Que os homens, mormente os mais responsáveis, o não desperdicem.

Padre Carlos

ORDINS

Desde que estou à frente desta Obra, e já lá vão 20 anos, nunca me senti tão satisfeita como durante o último mês de Maio. Eu explico porque: É que tive a feliz ideia de ir visitar 3 ou 4 doentes por dia e rezar com eles o Terço em honra de N. Senhora. Todos me receberam com alegria. Havia um que, devido à sua doença, tem a fala bastante presa, por isso não me podia acompanhar; mas o respeito e atenção com que estava, enchia-me de consolação. No fim, tinham sempre algo a dizer-me das suas dificuldades e preocupações. Todos me pediram que voltasse sempre que me fosse possível. Fizem-me alguns pedidos, que eu acho justos. Queria uma ajuda para terem as casas mais confortáveis, pois algumas nem forradas são. Recebem uma pequena reforma, mas, segundo eles dizem, não chega para obras; e eu concordo, da maneira que a vida está! Nada lhes prometi; porque nada tinha. No entanto, aqui fica o pedido. Agora têm a palavra os leitores de O GAIATO. Eu confio!

Quero agradecer àquela Senhora que vive na América, as roupinhas que nos vai mandando. Com o tecido branco vesti oito pequenitas que fizeram a primeira Comunhão, no dia 4 do mês de Junho. Depois mandou-me uma fotografia para recordação do seu generoso gesto.

Ao Senhor que assina «bem haja» vai, também, o meu reconhecimento pela persistência do seu donativo mensal para os agasalhos do Calvário, acrescentado de mais alguma coisa que distribuo conforme as necessidades presentes.

Pena é que não apareçam mais donativos mensais, para substituírem aqueles dos que Deus já chamou a Si.

As nossas colchas lá vão para toda a parte do País, e até para fora. Sinal que o trabalho agrada. Ainda bem!

Como tem engrossado o número de leitores de O GAIATO, os quais desconhecem a nossa direcção, aí vai ela: Casa de Jesus Misericordioso — Ordins — Lagares (Douro).

Maria Augusta

AQUI LISBOA!

Cont. da 1.ª pág.

mentos, na maior parte dos pavilhões. Enquanto uns iam cuspindo para o chão, outros deitavam fora os papéis recebidos ou as pontas de cigarros. Ridículo e triste espectáculo, pois o que a Avenida da Liberdade precisava era de água a jorrar de agulhetas, a limpar os diversos tipos de porcarias que a infestavam e poluem.

Entre os prospectos que nos foram entregues, um a falar da «Declaração dos Direitos dos Animais», afirma, entre outras coisas: «Nós, os animais, declaramos: O Direito à vida e à liberdade, como resultado natural da existência... O Direito de nos procriarmos sem destruição dos nossos filhos». Ora, com franqueza, sendo o Homem um animal, embora considerado racional, ficamos na dúvida se o deveríamos incluir ou não como sujeito dos «Direitos» expressos, uma vez que se difunde pública e descaradamente o aborto e actos similares. Ou será que o direito à vida diz respeito apenas às bestas? Incoerências e cabotismos dos tempos, em que o Homem, no pensar e no agir de muitos, fica abaixo dos quadrúpedes e dos outros animais. Por nós, continuamos a apostar no Homem, imagem e semelhança do Criador.

- Em muitos escritórios e repartições os nossos pequenos vendedores têm acesso, embora, por razões de segurança (?), algumas portas se lhes tenham fechado. Bem tratados e cumulados de mimos, às vezes até demasiados, os nossos Rapazes são como que embaixadores credenciados junto dos nossos Amigos. Sucede assim da Administração do Porto de Lisboa, com uma estima que, não raro, se prolonga para lá desta vida. Foi o que ainda agora sucedeu. Pelos seus colegas de trabalho acabamos de receber a importância 58.078\$20, que a nossa Amiga D. Argentina de Carvalho nos mandou entregar. Embora não gostemos, por razões óbvias, de assinalar os nomes, aqui fica registado o facto, para tranquilidade de uns e esclarecimento de todos.

- As reacções às locais aqui trazidas têm sido extraordinárias. Além de donativos para a ginástica do Luisinho, este já tem uma Senhora Doutora, especialista da coluna, a tratá-lo; o nosso «Frutas», doente do coração, vai ser operado em breve por um dos melhores Especialistas do País. Deus seja louvado!

(Casa do Gaiato de Lisboa, St.º Antão do Tojal — Loures)

Padre Luiz



Director: Padre Carlos Chefe de Redacção: Júlio Mendes
 Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285
 Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa